COLÓQUIO/Letras

ISSN: 0010-1451 - Página principal / Homepage: https://coloquio.gulbenkian.pt

[Recensão crítica a 'O Mapa do Labirinto. Inventário Testemunhal da Poesia Atribuída a Gregório de Matos', de Francisco Topa]

Francisco Maciel Silveira

Para citar este documento / To cite this document:

Francisco Maciel Silveira, "[Recensão crítica a 'O Mapa do Labirinto. Inventário Testemunhal da Poesia Atribuída a Gregório de Matos', de Francisco Topa]", *Colóquio/Letras*, n.º 159/160, Jan. 2002, p. 440-441.

EDIÇÃO E PROPRIEDADE

FUNDAÇÃO CALOUSTE GULBENKIAN

Deve registar-se que, na *disputatio*, Girolamo é menos engenhoso que Vieira. Ou por falta de talento ou porque a oratória jesuítica italiana já apontava para o desbastamento racional do neoclassicismo.

Para além da importância de que se reveste o resgate textual do *corpus* italiano da oratória de António Vieira, a bem cuidada edição de Sonia Salomão oferece a quem se interesse por estudos retóricos o ensejo de conhecer as características de uma *disputatio* académica entre o visceral barroco português e o incipiente rococó italiano.

Francisco Maciel Silveira

FRANCISCO TOPA

O MAPA DO LABIRINTO

INVENTÁRIO TESTEMUNHAL DA POESIA ATRIBUÍDA A GREGÓRIO DE MATTOS

2 vols.

Rio de Janeiro/Salvador, Imago/ /Secretaria da Cultura e Turismo / 2001

Gregório de Mattos, em abrindo a boca, choviam-lhe versos aos borbotões. Tal qual uma personagem de *Guerras do Alecrim e Manjerona*, do não menos barroco António José da Silva, o Judeu. Assim sendo, veia poética em sangria desatada, Gregório espalhou poemas por onde passou, sem contudo publicar um único livro. Seus versos correram manuscritos, dispersos e estropiados em cópias de admiradores, chegando até nós sem garantia de indiscutível autenticidade. Resultado? Não havendo uma edição crítica, conhece-se a produção poética de Gregório pelo traslado de manuscritos espalhados em vários códices, divergentes entre si. Verdade que três grandes esforços visaram divulgar-lhe a obra.

Um, datado de 1882, saído no Rio de Janeiro pela Tipografia Nacional, sob a responsabilidade de A. do Valle Cabral, que, com o título genérico de «Satíricas», recolheu 68 poemas: *Obras Poéticas de Gregório de Mattos Guerra Precedidas da Vida do Poeta pelo Licenciado Manuel Pereira Rebello*. Outro marco importante, por tratar-se da primeira edição de conjunto do poeta baiano, foi, sem dúvida, a edição de Afrânio Peixoto em seis volumes (1929-1933). Na sua esteira, em 1969, James Amado, acrescentando novos poemas, coligiu a produção de Gregório de Mattos em sete volumes, reduzidos a dois numa outra edição datada de 1990. Não obstante meritórios e importantes, estes esforços editoriais apresentam defeitos e limitações decorrentes do facto de não terem trilhado o trabalhoso caminho da crítica textual.

A falta de uma edição crítica que estabeleça a autenticidade dos textos gregorianos começa agora a ser sanada com a tese de doutoramento de Francisco Topa. Defendida na Universidade do Porto em 2000, *O Mapa do Labirinto: Inventário Testemunhal da Poesia Atribuída a Gregório de Mattos*, como o próprio título indica, constitui-se em exaustiva e sistemática *recensio* dos testemunhos poéticos da obra de Gregório, colhidos em numerosos arquivos e bibliotecas. Tendo conseguido localizar 292 manuscritos, Francisco Topa dividiu-os em dois tipos: testemunhos manuscritos principais e testemunhos manuscritos secundários.

No primeiro volume, com 626 páginas, reúnem-se os *testemunhos principais*, isto é, «os códices integralmente dedicados à recolha da obra do *Boca do Inferno* e ainda as miscelâneas que lhe consagram uma secção autónoma e quantitativamente significativa» (p. 21), como são, por exemplo, os casos do Ms. 353 da Biblioteca Geral da Universidade de Coimbra, do Ms. 1184 recolhido no fundo geral da Biblioteca Pública Municipal do Porto, o Ms. 168 da *Library of Congress*. Nesta categoria foram compulsados 34 manuscritos pertencentes a 13 bibliotecas.

O segundo volume, com 285 páginas, dedica-o Francisco Topa aos *testemunhos secundários*, entenda-se, «as miscelâneas e os documentos soltos em que se encontram, geralmente em número muito reduzido, textos atribuídos aos poeta baiano». Nesta secção contam-se 258 documentos detectados em 16 bibliotecas.

O segundo volume traz ainda um terceiro tipo de fonte testemunhal, correspondente ao que se imprimiu do século XVI ao século XX. Neste âmbito registem-se as recensões críticas às edições de Afrânio Peixoto e James Amado. Finda a *recensio*, Francisco Topa levantou 333 fontes testemunhais, 959 poemas (107 dos quais inéditos, descobertos pelo investigador) distribuídos por 23 formas poemáticas. Promete-nos o Autor um terceiro volume a ser publicado com a apresentação do inventário global.

Arrolando títulos e/ou primeiros versos de presuntivos poemas gregorianos em 90% da tese, claro está que os dois volumes têm a sedução das listas telefónicas. Se o leitor comum — a quem não se destina a leitura — esmorece, o estudioso de nervo e paciência, ansioso por pistas promissoras de teses, vislumbra caminhos que podem tirá-lo de um beco sem saída. Por exemplo? O levantamento dos códices descobre a sombra caligráfica de dois assuntos aliciantes para os especialistas do Barroco: testemunhos biográficos acerca

do «Boca do Inferno» e a lírica de António da Fonseca Soares. Como se vê, o labiríntico mapa textual de Gregório de Mattos descortina outras rotas barrocas para vocacionados investigadores. Portanto, mãos à obra... de Francisco Topa, naturalmente.

Desnecessário acentuar a importância deste trabalho, registando o fôlego da empreitada. Irrequieto, impaciente, nada vocacionado para a minúcia ecdótica, admiro, pois, e rendo homenagem à beneditina paciência de quem, no tédio pulverulento de bibliotecas e arquivos, se debruça sobre velhos códices para restaurar a autenticidade de textos. É o caso, a todos os títulos louvável, de Francisco Topa que, tal Sherlock ao serviço de Gregório de Mattos, foi à cata dos manuscritos atribuídos a penas apócrifas. Ariadne da crítica textual, a tese de Francisco Topa traçou, fio a fio, o mapa do labirinto em que se perdeu a obra de Gregório de Mattos, franqueando, assim, o acesso para vindouras incursões no sentido de se estabelecer uma edição rigorosamente crítica.

Francisco Maciel Silveira

POESIA

JOSÉ DE ALMADA NEGREIROS

POEMAS

Edição de Fernando Cabral Martins, Luis Manuel Gaspar e Mariana Pinto dos Santos

Lisboa, Assírio & Alvim / 2001

Eduardo Prado Coelho escreveu um dia o seguinte: «Não sei se Almada Negreiros é um grande escritor (secretamente suspeito que ele é apenas o pressentimento do grande escritor que não foi)» («Prefácio» de *A Engomadeira*, Lisboa, Edições Rolim, 1986). Semelhante asserção, para além de uma vontade lacaniana de *épater*, revela o esquecimento provisório de um dos romances portugueses do século XX que vale a pena reter e reler: *Nome de Guerra*. Mas fiquemo-nos, para já, pela obra poética de Almada, naquela que é a sua mais recente e cuidada edição.

Falar da poesia de Almada é, sem dúvida, falar da maior *diversidade* possível do *único* — num sentido absolutamente nada pessoano. De facto, um inflexível e recorrente pressuposto («Tenho uma fé única: é cada um!», p. 181) apela aos mais variados registos prosódicos e lexicais, no que se poderia considerar uma espécie de «loucura plástica» (p. 47) que, embora atenta a todos os caminhos, insiste numa «direcção única». Veja-se, por exemplo, a distância tímbrica que vai dos «preparos / de luar» (p. 10) que pautam «Rondel do Alentejo» às imprecações maiúsculas de «A Cena do Ódio»: «O Meu Ódio é Dilúvio Universal sem Arcas de Noé: só Dilúvio Universal» (p. 24). De resto, este último poema, que visa estentoricamente a «claque ignóbil do vulgar» (p. 26), não está isento de requebros líricos que um Nobre não desdenharia: «E vós varinas que sabeis a sal / e que trazeis o Mar no vosso avental» (p. 29). É evidente, no entanto, que nunca como nesse poema — se exceptuarmos o «Ultimatum Futurista» de 1917 — Almada vociferou tão energicamente o seu antipatriotismo (ou patriotismo às avessas?): «Mas as mulheres portuguesas / são a minha impotência!» (p. 32). Independentemente do seu grau de «sinceridade», há momentos de furor ou de amargura que parecem só ter merecido alguma continuidade poética nas infectas peregrinações de Jorge de Sena: «os burgueses de Portugal / têm de pior que os outros / o serem portugueses!» (p. 37). Porém, é importante sublinhar que, ao contrário de Sena ou até de Pessoa e Sá-Carneiro, a poesia de Almada se apresenta, antes de mais, como laboratório simultaneamente cândido e convulsivo, onde se jogam algumas das linhas de força que viriam a caracterizar a passagem do século XIX para o(s) chamado(s) modernismo(s). E aqui, forçosamente, terá de se falar de *ritmo*, no mais amplo e cosmopolita sentido do termo. Um ritmo, por vezes, ainda demasiado ancorado nos langores simbolistas: «Pandeiros rotos e coxas taças de cristal aos pés da muralha. / Heras como Romeus, Julietas as ameias. E o vento toca, em bandolins distantes, surdinas finas de princesas mortas.» (p. 18.) Mas capaz, também, de lograr o mais «singelo» desconcerto lírico: «Veio a manhã e foi como de dia: não se via nada.» (p. 20.) Ao que se pode acrescentar ainda o não muito convincente «poeta futurista» (p. 52) de «Litoral», para que percebamos, enfim, que o futurismo foi entre nós ou um equívoco passageiro (Álvaro de Campos) ou uma hábil paródia (Mário de Sá-Carneiro).

Sintomático, no mínimo, é o modo como esta poesia, no justo dizer de Fernando Cabral Martins, «anuncia o surrealismo» (p. 290). Torna-se quase irresistível a evocação de Robert Desnos (o único poeta francês a quem Octavio Paz reconhecia o exercício da «escrita automática») perante versos como estes: «Abóbada côncava do tímbalo diáfano onde descansa o bombo / Pirilampo-hélice do bambu bambo por onde desce o relâmpago moribundo à banda» (p. 55). Também não é de todo impossível adivinhar o futuro perfil de Cesariny num poema como «Os Ingleses Fumam Cachimbo»: «O terceiro cachimbo / Era de bambu / E tocava flauta / Quando chovia no